

Economia

PEDRO FERRAZ DA COSTA
ECONOMISTA

'ESTAMOS OUTRA VEZ À ESPERA QUE A EUROPA VENHA RESOLVER O NOSSO PROBLEMA'

Sónia Peres Pinto
sonia.pinto@sol.pt

O presidente do Fórum para a Competitividade crítica o fraco crescimento da economia desde a década de 90, altura em que, com António Guterres, as atividades viradas para o exterior deixaram de ter prioridade. Esse foi um dos 'erros' apresentado agora numa carta a António Costa.

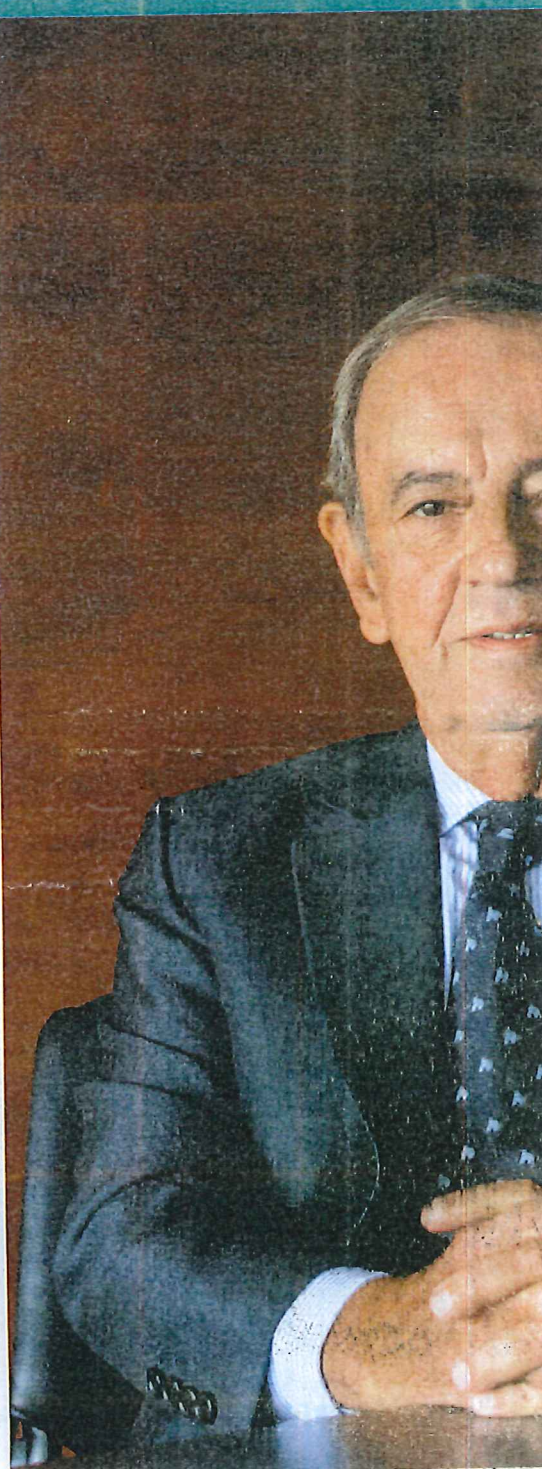
O Fórum da Competitividade escreveu esta semana uma carta a António Costa a apontar 'erros estratégicos' que explicam, em parte, as baixas taxas de crescimento da economia. Quais são esses erros estratégicos?

Para por isso em imagem, acho que tínhamos, nos finais dos anos 90, dois possíveis modelos pela frente. Um era o da Flórida para férias e turismo da terceira idade,

outro era o da Califórnia, nomeadamente a zona de São Francisco, com inovação, novos setores, uma aproximação mais moderna ao futuro. Fomos para o lado da Flórida, sempre achei que devíamos ter ido para o lado da Califórnia. E tornámo-nos extraordinariamente dependentes – então nos últimos anos de uma maneira perigosa – da atividade turística. Se tivéssemos mantido a continuidade de uma atividade industrial em setores que se fossem moderni-

zando à medida que o mundo ia evoluindo, estávamos hoje bastante melhor. Mas deixámos praticamente esse objetivo a partir da época do investimento da Autoeuropa, que foi das últimas coisas que se fez em Portugal no setor dos bens transacionáveis, com a produção marcadamente virada para o mercado externo. O que os portugueses consomem de carros da Autoeuropa é uma pequena parte do que eles produzem, se calhar 1%. É quase tudo para exportação. Temos algumas zonas do país, nomeadamente o Norte, onde há muitos concelhos em que o valor das exportações é se calhar mais do dobro do valor das importações. Essas regiões são muito fortes em termos externos. Depois temos uma outra zona do país, onde Lisboa tem um peso brutal, onde existem fundamentalmente funcionários públicos, empresas dos setores não transacionáveis onde nada está virado para o exterior. Isso, no fundo, marcou esta evolução que falo da

EDFSDSD



Florida e da Califórnia. De alguma forma é o retrato do que foram os últimos 30 ou 40 anos.

E deu este resultado...

O resultado foi péssimo porque, desde meados da década de 90, crescemos muito pouco. Isso deveu-se a um conjunto de decisões que foram tomadas em grande parte durante o Governo de António Guterres, mas em alguma medida também antes, no tempo de Cavaco Silva, onde as atividades viradas para o exterior deixaram de ter a mesma prioridade e o mesmo apoio quando entrámos na União Europeia, quando se criou o euro e quando achámos que a Europa ia resolver os nossos problemas. Estamos outra vez, face ao Conselho Europeu, à espera que a Europa venha resolver o nosso problema com a concessão de empréstimos mutualizados onde possamos ir buscar dinheiro barato e não tenhamos grandes responsabilidades com o pagamento.

E agora com esta situação de pandemia, é ainda mais complicado com o turismo parado e não sabemos quando vai abrir ou em que condições...

Sim, se calhar daqui a um ano.

A economia consegue aguentar-se?
Nas outras crises temos conseguido aguentar. Mal. As pessoas se calhar aguentam demais sem nunca porem em causa qual é a razão pela qual têm essas dificuldades. Agora, mais uma vez, estamos a caminhar para um desequilíbrio na distribuição dos eventuais sacrifícios, quando temos todas as pessoas da função pública em casa, com os ordenados por inteiro, subsídios de refeição e eventualmente outras vantagens.

Os privados nem sempre têm...

Os privados nem sempre têm e muitos deles até vão perdendo os empregos à medida que os contratos vão acabando. Há muitas pessoas novas que se calhar estavam no primeiro contrato e depois iriam ter um emprego e nem sequer vão chegar a isso.

O cenário é desolador, principalmente para o tecido empresarial?
É desolador no curto prazo e tem um outro inconveniente a médio prazo que é as pessoas acharem, e com razão, que é sempre melhor serem funcionários públicos do que outra coisa qualquer.

Dá maior estabilidade...

Pois. E depois é muito difícil pô-los a querer ir trabalhar para outra empresa ou para uma empresa industrial porque as pessoas não estão para isso. Preferem trabalhos mais leves, menos controlados.

E agora em teletrabalho a diferença é muito grande no que diz respeito ao controlo de um funcionário público em relação a um trabalhador privado?

Não sei como é que no setor privado controlam o teletrabalho mas sei que é diferente. Se calhar já não sou muito dessa época mas acho que em atividades que estejam viradas para o futuro, onde é preciso inovar, procurar coisas novas, a interação entre as pessoas, a constituição de equipas, é fundamental. Isso não é uma coisa que se faça com cada um sentado ao computador na sua casa. É uma coisa que tem de se fazer em conjunto e nessa medida acho que é urgentíssimo voltar-se a um regime normal de trabalho. Acho que esta situação que estamos a viver e que vai ter consequências pesadas, pode ser justificada durante dois meses e isso não destrói muita coisa. Agora se esta situação se prolongar, as pessoas começam psicologicamente a pensar que já não vão fazer

nada até setembro ou outubro. E isso é péssimo.

E já passou um mês...

Estamos assim desde meados de março e até meados de maio são dois meses. Se for mais do que isso, é muito mau porque depois as pessoas regressam ao trabalho e acham que têm direito a férias. Não estou a dizer se têm ou não têm. Estou a dizer é que era preferível fazer um sacrifício agora para não deixar ir tão abaixo do que depois tentar recuperar uma situação já muito dificilmente recuperável. E quanto mais tarde for mais difícil é.

Daqui a pouco não se morre da doença, morre-se da cura?
Exatamente. Da doença morre-se pouco, parece. Felizmente.

Mas aí entra-se numa questão delicada que são os direitos adquiridos. Os trabalhadores depois de voltarem para o seu posto de trabalho querem no verão ir de férias porque acham que não têm culpa da situação em que está o país...

Não, ninguém tem culpa. Há é uma vontade coletiva - ou não - de sair. E isso depende fundamentalmente do estado de espírito que o Governo consiga incutir nas pessoas. Por acaso já ouvi pessoas do Governo a dizer que uma solução podia ser as pessoas irem de férias mais cedo. Acho que há muita consciência do Governo das muitas dificuldades que temos pela frente. Por melhor que corra, vai ser difícil. Era mal se viesse agora para aqui dizer que ia tudo correr muito bem e que ninguém se ia preocupar. Não temos que nos atirar de cabeça para dentro de um poço, mas temos de nos dedicar a fazer uma data de coisas, a tirar ensinamentos da estrutura que tínhamos construído nos últimos anos e ver o que é que devíamos fazer no futuro. Para mim é claro que não devíamos estar tão dependentes da atividade turística, porque isso é um risco. Nada nos garante que no futuro não vamos ter vagas parecidas com estas e uma redução relativamente acentuada do fenómeno turístico com as características que tinha ultimamente e que eram de facto milhões de pessoas a praticamente nunca fazerem férias perto de casa e andarem sempre em grandes viagens. Acho que isso vai reduzir-se. Acho que vamos todos pagar através dos

“ Tornámo-nos extraordinariamente dependentes e, nos últimos anos, de uma maneira perigosa, da atividade turística

Não se devia continuar a trabalhar os trabalhadores do setor privado pior do que os do setor público

”

Economia

> respetivos governos, uma fatura das companhias de aviação com uma dimensão assustadora porque está tudo parado e não são só os ordenados. São os ordenados, os aviões, os investimentos nos aeroportos, enfim. Tudo isso é para ser pago todos os dias. Acho que temos vantagem em reduzir esse investimento e viver com o que temos de uma forma um bocadinho mais austera em termos de infraestruturas. Para mim não faz sentido nenhum, neste momento, ir fazer o aeroporto do Montijo. A tendência à portuguesa é dizer 'obras públicas é ótimo, façam lá o aeroporto'. Não. Tínhamos de investir era em atividades viradas para o exterior, para o mercado externo. É aí que temos de investir, não é em fazer mais aeroportos para mais turistas e mais tuk tuks e mais bares e mais praia.

Nem sabemos como vai ser o rendimento dos portugueses quando retomarem a vida normal... Vai ser 15 ou 20% abaixo do que é.

Logo aí, essas atividades também vão ter um corte... Pois, mas a grande maior parte da baixa é por causa dos turistas que não vêm.

As previsões do FMI da recessão de 8% e taxa de desemprego de quase 14% surpreendem-no? Não, os números da nossa conjuntura do Fórum apontavam no mesmo sentido. Publicámos um pouco antes e já falámos em 8%. Acho que é um cenário relativamente otimista.

Pode ainda ser pior?

Acho que pode ser pior, porque a tendência vai ser de evitar o abrir dos aeroportos. Pessoalmente, pelo que conheço, estudo e leio, tenho ideia de que isso tem muito pouca influência. Ou seja, o volume de infeções que poderiam existir pelo tráfego aéreo são muito poucas e nós precisamos muito disso se quisermos aumentar as exportações. Todas as empresas que trabalham no comércio externo, as pessoas precisam de se deslocar. Há muita coisa que se pode tratar por email, há muita coisa que se pode fazer por teleconferência, mas no que diz respeito à abertura de novos mercados, o ir, o conhecer os hábitos, o ver quais são as oportunidades, implica poder descolar-se e neste momento está tudo parado. Precisamos, por causa da nossa atividade económica futura, de ter

acesso a transporte aéreo. Mas para haver mais tráfego aéreo é preciso que todos os países simultaneamente tomem essa decisão. E como tem de ser tomada em conjunto vai ser mais difícil.

Como tem sido tudo. Agora, por exemplo, a Comissão Europeia está a dizer que pode abrir portas a uma série de nacionalizações. Acha que é essa a linha que vamos seguir? Espero que o Estado não queime muito dinheiro no passado porque vai ser bem preciso para o futuro. Uma boa parte das atividades que não tínhamos há 5 anos ou mais, desde o período da Troika, eram muitas empresas que estavam penduradas na banca onde ninguém queria reconhecer esses prejuízos. É o que se chama os zombies, fingem que estão vivas mas não estão. Acho que em muitos casos não é para nacionalizar, é para fechar.

Uma delas é a TAP?

Há aí muitas coisas, umas maiores e outras mais pequenas. Na carta que escrevemos ao primeiro-ministro, uma parte muito importante era dedicada ao facto de evitar que as empresas melhores comprem as que estão em dificuldades para ganharem escala.

As empresas em dificuldade até são vendidas a preço de saldo...

Se tiverem muito financiamento fazem isso, se não tiverem não fazem. Por isso é que atirar dinheiro para cima dos problemas, normalmente, não é uma grande solução.

Vamos estar plenos do que na altura da Troika?

Devíamos estar melhor porque devíamos ter aprendido alguma coisa.

Mas houve muitas coisas que não foram feitas, ficaram na gaveta...

Mas houve muitas coisas boas que foram feitas, mas com este Governo andou-se para trás.

Mas em termos de rendimentos dos trabalhadores poderemos vir a assistir a cortes?

Houve cortes fundamentalmente nas chefias e nos ordenados acima dos 1.000 ou 1.200 euros, que é a parte mais pequena dos funcionários públicos. Abaixo dos mil ou 900 euros não houve cortes nenhuns durante esse período. As chefias foram muito mal tratadas e ainda não recuperaram porque as recuperações fizeram-se mais

“

As pessoas vão regressar aos trabalhos e acham que têm direito a férias

Temos de investir em atividades para o exterior. Não é fazer mais aeroportos para mais turistas, mais tuk tuks ou bares de praia

No geral, somos muito mal governados. E é transversal a todas as cores políticas

”



nos ordenados mais baixos do que nos de cima. Não estou a dizer que não se fizesse nos mais baixos mas não acho aceitável que não se tivesse feito em muitos ordenados dos técnicos e das chefias. Não haja dúvida que a Administração Pública, acima de um certo nível, pratica níveis salariais que não são competitivos com o que se paga no setor privado ou com o que se paga noutros países.

Nem que seja para reter esses quadros.

Está claro e em muitos casos para atrair. A Administração Pública também precisa de pessoas para as atividades modernas. E vai precisar, com certeza, de ter funcionários capazes de tomar boas decisões e resolver rapidamente os assuntos.

O primeiro-ministro disse que a solução para o problema não vai pas-

sar pela receita da austeridade. É possível fugir dessa receita ou será inevitável?

Não sei bem o que é a austeridade quando se fala na receita da austeridade. Se é não gastar mais do que o que se tem a não ser por um período muito curto de tempo, estou de acordo com essa receita da austeridade. Nunca vi ninguém a gastar mais do que as receitas que não acabasse mal. Temos que nos conter dentro daquilo que podemos fazer. As pessoas individualmente e as famílias também têm de fazer isso. Podem recorrer ao crédito em determinado momento, para fazer um investimento duradouro, uma casa, um negócio que queiram estabelecer. O que não podem é sistematicamente, para consumir mais, gastar mais do que aquilo que ganham. Isso nenhum agente económico pode fazer. Nem as pessoas, nem as empresas e os países também não. O

Estado não pode viver em déficit porque significa que mais tarde vai ter de lançar impostos muito grandes para compensar isso. E ninguém quer ir investir em países onde muito provavelmente depois lhes vão buscar a título de novos impostos quase tudo aquilo que ganhou. Temos um problema sério de localização de atividade produtiva em Portugal, não temos conseguido atrair novos investimentos. Temos aí umas empresas novas de tecnologia, mas nada de muito significativo. E, por outro lado, a maior parte das empresas que são vendidas, são vendidas por portugueses a estrangeiros. Há muita gente que está na atividade empresarial que se tiver boas propostas sai. E isso, em grande parte dos casos, é porque os filhos não estão interessados porque acham que não vale muito a pena. Ninguém atrai atividade económica com vinagre e eu sei se não tem

Isso implica uma mudança de atitude e de mentalidade?

Historicamente tem sido feito dessa forma mas nunca tanto. O esmagamento da pirâmide salarial que temos estado a fazer no sentido de desvalorizar os que são mais produtivos, os que se esforçaram mais a estudar, não reconhecendo esse mérito nos vencimentos. Nunca tivemos numa situação como estamos agora.

E esta é uma altura boa para mostrar quem são os bons e os maus trabalhadores?

Posso garantir-lhe que se pagar pouco mais aos que são bons, eles não têm objetivamente grande vantagem em esforçar-se muito.

Há um desleixo?

Nem é um desleixo. É natural que as pessoas, a médio - não quer dizer que não exista a curto prazo - e no longo prazo, se sentirem que estão ser justamente compensadas pelo seu esforço, gera bons resultados. As pessoas acharem que estão a ser mal compensadas gera maus resultados, rancores, tensão, dificuldades.

As empresas vão aproveitar esta altura para dispensar os trabalhadores que não fazem tanta falta?

Acho que não podem. Não podem porque é muito difícil despedir e não podem porque para pedir dinheiro emprestado vão ter de se comprometer com as despesas. Fica tudo muito amarrado.

Ficou surpreendido com os dados do layoff? Estamos a falar de cerca de um milhão de trabalhadores nesta situação.

Estava à espera desse número porque se pensarmos que o turismo são quase 15%, um sexto, um sétimo da atividade económica e que a produtividade no setor turístico é bastante baixa, não de ser proporcionalmente mais pessoas. Se calhar temos para aí 20% da população direta ou indiretamente ligada a isso. É um em cada quatro. Não me surpreendeu. Aliás, passear em Lisboa ou em outra grande cidade hoje em dia é um panorama assustador. Não se vê nada aberto em sítio nenhum. Como é que se volta à vida normal? Há setores que estão a faturar um décimo, um quinto do que faturavam antes da crise. Como é que podem pagar os ordenados? E depois como é que vão poder pagar os empréstimos que vão pedir para pagar esses ordenados? Ainda se lhes põem em cima a obrigação de não despedir. Ninguém despede por gosto. Até porque, nos últimos tempos, arranjar pessoas para trabalhar era bastante difícil.

O ministro da Economia disse que talvez seja possível manter o layoff durante a retoma da economia. Quem é que paga isso?

As contas apontam para quase três mil milhões de euros por mês de despesa...

Sim, é 1,5% do PIB por mês. Isso é uma loucura. Acho que é urgente voltar-se a uma vida normal. Pelos números que vemos de pessoas que estão internadas e do número de quartos e camas nas unidades de tratamento intensivos que estavam previstas, é evidente que isto está a ser muito mais pequeno do que se receou.

É altura de abrir?

É altura de abrir e não percebe porque não abrem mais pelo lado das crianças que não sofrem com isto, praticamente não são atingidas em país nenhum. Como é possível ter uma economia a reabrir se as mães tiverem de ficar com as crianças em casa? As mães ou os pais ou alternadamente.

Mas os portugueses também têm medo de sair e muitos querem adiar ao máximo o regresso ao trabalho. Isso não compreendo, não sou capaz de comentar. Há, de facto, muito esse estado de espírito. Os italianos, se os deixassem, faziam festas todos os dias independentemente das imagens que apareciam na televisão. Cá, felizmente, nunca houve nada comparado com Itália mas parece que há muito medo. Os líderes políticos têm de dar o exemplo. Têm de andar na rua, têm de ir aos restaurantes, têm de mostrar que isto é um país que teve poucos problemas. Os turistas têm de ver que isso é assim. Temos imensa gente que veio viver para Portugal com regimes fiscais muito favoráveis e são uma boa demonstração de como vale a pena ter impostos baixos, dá imenso resultado naquilo que se pretendia e, neste caso, era atrair pessoas. Essas pessoas são uma grande ajuda para fomentar a recuperação do turismo em Portugal. Qualquer turista estrangeiro que tenha de escolher entre vir para Portugal ou Espanha nas suas próximas férias, sentir-se-á mais

seguro a tomar a decisão de vir para Portugal. Devíamos tirar partido dessa situação.

Mário Centeno está a ser demasiado otimista em não avançar já com orçamento retificativo?

Sim, mas ele, se calhar, vai fazê-lo quando quiser. Em circunstâncias destas ninguém vai agora aborrecer o ministro das Finanças com coisas como o Orçamento Retificativo. Já toda a gente tem a certeza de que vai ser o que for.

Concorda com a ideia dos aumentos da função pública para 2021 ou haverá o risco de não avançarem? Acho que há o risco de avançarem.

Falamos mais uma vez de portugueses de primeira e portugueses de segunda. Exatamente, com certeza que falamos.

Em relação à carta, já teve alguma resposta do Governo?

Não. O objetivo da carta era um pouco para que quando se tomassem decisões a pensar nos problemas atuais e de curto prazo - e é natural que os governantes tentem em primeiro lugar responder a isso - também tivessem um pouco na cabeça o que devia ser a orientação futura. O mais importante é dizer que nós não vamos querer recuperar uma economia como a que tínhamos. Vamos ter de construir uma que nos dê mais segurança e que nos dê várias coisas melhores do que aquilo que tínhamos no médio prazo. Acho que isso é importante e falta muito em Portugal, uma visão estratégica das coisas. Aca-bava com um exemplo que acho extraordinário: em 40 anos nunca conseguimos definir onde é que íamos construir o aeroporto para substituir a Portela e se calhar agora já nem precisamos de uma localização alternativa. Temos de pensar um pouco mais nas coisas, ter uma visão mais estratégica. No geral, somos muito mal governados.

Culpa deste Governo?

É muito transversal a todas as cores políticas, não é altura de estar a individualizar. Há alguns membros do Governo que gostávamos que não tivessem a tomar conta de nós mas vê-se muito um envolvimento pessoal muito grande do primeiro-ministro porque ele acha que inspira mais confiança do que alguns dos ministros.

de ser com muito mel. Mas tem pelo menos de ser parecido com o que existe nos outros países. Por exemplo, as pessoas em Espanha pagam menos impostos e pagam taxas de juro mais baixas. Isso é uma verdade há 40 anos. O mercado interno espanhol é maior que o português. Exceto em alguns casos muito especiais, qualquer empresa que olhe para as duas localizações opta por ir para Espanha. Temos de optar por uma de duas coisas: ou baixamos os impostos e temos uma vida financeira mais equilibrada que permita ter uma taxa de juros mais baixas, e nessa altura temos condições iguais, ou então estamos condenados a criar vantagens para pagar salários mais baixos do que os espanhóis. Temos de escolher onde é que queremos ter as nossas vantagens. Acho que era melhor pagar menos impostos, ter taxas de juro mais baixas e ter salários iguais aos dos espanhóis.

Não é esse o caminho que tem sido seguido...

E o comportamento coletivo também não quer saber. É mais fácil ter uma maioria para governar apoiando-se e apoiando as pessoas menos qualificadas, que têm empregos mais antigos, que são funcionários públicos e que vivem em grandes centros urbanos. A forma como foram recuados os rendimentos por este Governo e pelo anterior foram nesse sentido.

E que se voltou a repetir agora com os aumentos da função pública...

Exatamente. É sempre assim. Por isso é que um dos pontos que referíamos na nossa carta era que, para termo atividades modernas, viradas para o futuro e viradas para o exterior. Não se devia continuar a tratar os trabalhadores do setor privado pior do que os do setor público.